que desaparecem de cena no turismo, ganham o primeiro plano nos relatos apresentados neste estudo.

Todo o aparato turístico, com caminhonetes e holofotes, guias, câmeras, funciona para produzir uma relação que coloca o humano na posição do sujeito observador e o animal na condição do objeto observado. Os temas do turismo e da fotografia de natureza indicam também um processo no âmbito do qual a natureza ameaçadora do passado se converte numa natureza frágil, ameaçada, que precisa ser protegida das ações humanas.

O contraponto oferecido neste livro para a constituição do animal como objeto, para o animal classificado, domesticado, é formulado a partir de um lugar onde as relações entre ver e ser visto, predador e presa, caçador humano e animal, são cruciais. A temática da reciprocidade do olhar é fundamental aqui, e pode dar origem a uma série de questões – que talvez possam ser sintetizadas na seguinte: como se constituem as relações quando a onça deixa de ser um item numa coleção de história natural e passa a habitar um mundo?

FELIPE SÜSSEKIND nasceu no Rio de Janeiro, em 1973. É doutor em antropologia social pelo Museu Nacional, UFRJ (2010), mestre em história social da cultura pela PUC-Rio (2000), e bacharel em pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ (1997). Realizou pesquisa etnográfica sobre projetos de conservação da onça-pintada no Pantanal do Mato Grosso do Sul, trabalho que deu origem a este livro.

Felipe Süssekind

O RASTRO DA ONÇA

relações entre humanos e animais no Pantanal

O Pantanal é habitado secularmente por pessoas e vacas. Por se alimentar do gado, a onça tem sido vista como problema ou praga a ser combatida. Isso remete às muitas histórias de caçadores de onça e de seus cães onceiros, que, ao lado das próprias onças, mas também de vacas e vaqueiros, são personagens centrais neste livro.

As narrativas sobre os zagaieiros, antigos caçadores que enfrentavam as onças apenas com uma lança de origem indígena, a zagaia, se nos conduzem ao passado e ao imaginário indígena da região, remetem igualmente a outras referências cruciais, como a novela "Meu tio o Iaraueté", de Guimarães Rosa.

Nos estudos científicos realizados nas fazendas da região, por outro lado, a caça tradicional se converte em captura, e a onça – ao invés de ser abatida – leva um tiro de dardo anestésico de modo a fornecer dados e amostras para pesquisas e para que o animal possa receber uma coleira de rádio.

Biólogos, veterinários, ONGs conservacionistas, institutos governamentais, empresas financiadoras – esses são alguns dos atores envolvidos com a pesquisa e a conservação da onça. E o turismo no Pantanal é baseado principalmente no interesse pela vida selvagem. O recorte ecológico, no entanto, depende em geral da exclusão daquilo que é mais evidente na paisagem pantaneira, a espécie mais abundante da região, que é o gado. As vacas e os vaqueiros,